

Efuru

NOTA DO TRADUTOR

por Tom Jones

A cultura igbo é fascinante. Conhecê-la pela narrativa de Flora Nwapa dá um quê a mais de beleza. *Efuru* não é apenas uma mulher intrigante e à frente de seu tempo, mas representa toda uma cultura em transformação.

Traduzir esta obra, inaugural de um novo tempo em toda a Literatura Africana, simboliza, ao mesmo tempo, um desafio e uma honra. Honra porque coloca o tradutor num lugar de privilégio por ser copartícipe de trazer à tona em Língua Portuguesa tão importante romance. Desafio, principalmente, na tradução dos elementos próprios de uma cultura totalmente diferente da brasileira, tais como as marcas de oralidade, a escolha vocabular inusitada, os traços culturais e a forte presença de termos e as expressões em igbo.

No início se é tomado por uma estranheza, seja pela linguagem, pelo estilo ou mesmo pela rotina da protagonista. Por outro lado, logo se percebe que a forma como o texto é construído se trata de estratégias empregadas pela criadora de *Efuru*. Essas estratégias textuais, aos poucos, nos submerge no Grande Rio da cultura tradicional igbo.

Todo o processo de tradução necessitou de pesquisa e imersão cultural, verificação de outras traduções do mesmo romance para outras línguas e acesso a estudos literários acerca de *Efuru*. Tais estudos resultaram em escolhas tradutórias que facilitam a recepção da obra no Brasil. Em alguns casos, escolhi inserir um referente que pudesse contextualizar o termo, o traço cultural, a expressão escolhidas. Nesses casos, acrescentei substantivos ou adjetivos que adicionassem sentido às palavras igbo não traduzidas. Assim, no caso de termos como

asa e *aja*, por exemplo, foi necessário informar que se tratavam de peixes. Em outros casos, escolhi termos equivalentes em Iorubá, mas de uso corrente no Brasil, nas tradições afro-brasileiras. É o caso de *camwood powder*, traduzido como pó de *osun*, que, embora não seja comumente utilizado na linguagem corrente no Brasil, é fortemente utilizado por membros da cultura afro-brasileira. Ainda, em outros casos, foram mantidas expressões em igbo e sua tradução de forma explicativa. Além disso, foram feitos empréstimos linguísticos e uso de equivalentes aproximados. Por fim, foram inseridas notas explicativas acerca das escolhas ou de elementos culturais, dos dias da semana, por exemplo.

Ao entregar essa obra traduzida, espero ter contribuído para que o leitor conheça e se fascine com a cultura igbo, seja apresentado a mulheres nigerianas reais, como a própria Flora Nwapa, ou ficcionais, como Efuru, e aos desígnios de Uhamiri.

APRESENTAÇÃO

por *Tathiana Cassiano*

Florence Nwanzuruahu Nkiru Nwapa, ou Flora Nwapa, pode ser um nome desconhecido para os brasileiros e as brasileiras, assim como era o de Chinua Achebe, antes de sua obra *O mundo se despedaça* ser publicada pela primeira vez no Brasil, nos primeiros anos deste século. Porém, basta ler a obra daquele que foi conhecido como o “pai da literatura nigeriana contemporânea” para indagar-se o porquê demoramos tanto para voltarmos nossas atenções às produções de nossos companheiros do outro lado do Atlântico, mesmo considerando as históricas ligações entre os continentes. Foi a partir dessa indagação que a escrita literária de Flora Nwapa começou a fazer parte da minha trajetória como historiadora.

O meu incômodo em conhecer tardiamente a produção intelectual vinda de África, levou-me a investigar os inúmeros silêncios da historiografia brasileira sobre mulheres e homens africanos, e foi por meio da literatura que encontrei um caminho para entender determinados processos históricos a partir do olhar destas pessoas, já que o colonizador não só impôs seu domínio em múltiplas esferas da vida cotidiana como também fez predominar sua própria versão da história, versão essa que domina o nosso imaginário sobre o continente africano.

Com relação às mulheres africanas, o silêncio foi ainda mais contundente, evidenciado pelo caso de Flora Nwapa. Contemporânea de Achebe, Flora é considerada a “mãe da literatura nigeriana contemporânea”, a primeira escritora africana a ter uma obra publicada por uma editora europeia e a ser conhecida internacionalmente, a primeira mulher africana a ter uma editora própria, e responsável por todo um legado de

uma escrita marcadamente voltada para evidenciar o protagonismo das mulheres igbos que, conforme a própria autora, não recebiam o devido reconhecimento na escrita de seus colegas. Nada disso foi suficiente para sua obra chegar ao público do Brasil, o que ocorre só agora, trinta anos depois de sua precoce morte aos 62 anos.

Nascida em 1931, Flora testemunhou o auge do colonialismo britânico e as implicações do projeto imperialista\colonial moderno na estrutura das comunidades de diferentes grupos sociais e linguísticos do atual território da Nigéria, em particular na comunidade igbo e no papel social das mulheres como o gradativo afastamento destas do núcleo de decisões da vida em comunidade enquanto mantiveram, e em certa medida ampliaram, um papel central para o sustento de suas famílias. No dia a dia do lar, por meio do entra e sai das clientes de sua mãe, uma professora de teatro que decidiu se dedicar aos negócios como costureira e comerciante de tecidos, Flora ouvia as histórias dos deuses e deusas, dos ancestrais igbos e a vida comunitária antes da colonização, histórias que mais tarde a inspiraram a escrever.

Gostar de ouvir e ler histórias foi fundamental para o desenvolvimento da Flora Nwapa escritora. “Se você tem uma história para contar, a história está em você e a assombrará até que você a conte”, disse Flora, pouco antes de sua morte, em entrevista à pesquisadora Marie Umeh. E Flora foi uma contadora de histórias profícua! Além de *Efuru*, publicou os romances *Idu* (1970), *Never Again* (1975), *One is Enough* (1981), *Women Are Different* (1986); duas coleções de contos, *This is Lagos and Other Stories* (1971) e *Wives ar War and Other Stories* (1975); além de poemas e uma série de livros infantis.

Na sua escrita, o leitor ou a leitora encontrará a descrição pormenorizada do cotidiano igbo, dos ritos, crenças, do tempo

do mercado que marca o ritmo da vida cotidiana, dos provérbios, da sabedoria anciã, do poder curador do d'íbia, mas também encontrará a guerra, a cristianização, a medicina ocidental e a educação colonial. A complexidade da vida também se manifesta nas personagens e suas diferentes formas de lidar com os desafios daquele mundo. E assim não somos também, complexos e multifacetados? Não é isso que nos faz humanos?

Talvez isso explique porque em 1966, no contexto de emancipação política da Nigéria e na efervescência de um projeto de constituição de uma identidade nigeriana em contraposição àquela identidade forjada pelo projeto colonial, Flora volta seus olhos para o passado colonial e escreve *Efuru*, seu primeiro romance. *Efuru* é o nome da protagonista que dá título à obra. A história da personagem demonstra os dilemas desta diante do casamento e da maternidade, pilares do papel social da mulher igbo na comunidade igbo tradicional de então. Como *Efuru* negocia este papel e, para isso, mobiliza a cosmogonia de seu povo, é o que irá se encontrar nas páginas dessa obra. Essa cosmogonia, ou seja, o modo como se percebe o mundo, a criação e a relação entre o homem e o universo que o cerca, reserva um lugar de centralidade ao deus supremo que rege todas as coisas (*Chukwu*), ao *chi* (uma espécie de força criadora ou espírito pessoal de cada indivíduo) e aos espíritos dos ancestrais. São eles que regem a vida e alicerçam os valores de cada homem e mulher igbo que são retratados na escrita de Flora.

Esta articulação entre os mundos visível e invisível, e as estratégias de negociação entre esses dois mundos, emergem na personalidade da protagonista que sai da casa do pai para fazer valer sua vontade, mas pavimenta com destreza o caminho de volta de modo a não perder o amor e suporte paterno; está também na força, sabedoria e diligência de *Ajanupu*; na gene-

rosidade e angústia de Ossai; na dor e nas batalhas diárias de Nwabata e da pequena Ogea; e de muitas outras personagens que desfilam pela escrita da autora.

Penso na história de Efuru como um colorido tecido de histórias de várias personagens que irão compor um retrato de mulheres igbos da Nigéria do século XX pelas lentes de Flora Nwapa. No entanto, não posso deixar de mencionar que o fio que costura todas essas histórias pode ser encontrado nas águas calmas do lago azul, morada de Uhamiri (também conhecida como Ogbuide), a deusa da cosmogonia igbo. Flora concebe a deusa enquanto uma representação das mulheres de Ugwuta (Oguta, no idioma do colonizador). Neste mundo transformado pela violência colonial e por suas próprias dinâmicas, a deusa encarna o poder, a independência e a assertividade das mulheres igbos com as quais Flora conviveu por toda sua vida, mulheres agricultoras, comerciantes, missionárias, professoras, mães, filhas, bem distantes dos estereótipos com os quais estamos acostumados a associar todas as mulheres africanas. Não por acaso, Efuru é retratada como a escolhida da deusa.

Em que pese este pequeno esforço de contextualização, os leitores e as leitoras não precisam de maiores detalhes para mergulhar na escrita da autora. Logo nas primeiras páginas irão perceber-se em meio aos diálogos das personagens como um visitante, quicá intruso, sentado à porta da casa enquanto as anfitriãs cozinham inhame e servem noz-de-cola, e talvez ouvirão histórias entrecortadas por boas risadas enquanto bebem um gole de gin caseiro, produzido e comercializado às escondidas. Nem sempre é um mergulho confortável, há incômodos que podem ser percebidos de formas diferentes, por pessoas diferentes. Mas é essa, talvez, a maior riqueza dessa literatura que vem da Nigéria, que desnuda um mundo que

não nos é familiar e que, ao mesmo tempo, tem conosco muita coisa em comum, inclusive na literatura.

Desde Wole Soyinka, laureado com o prêmio Nobel de Literatura, e Buchi Emecheta, até a nova geração de autores, como Chimamanda Adichie e Uzodinma Iweala, entre outros, são alguns exemplos de como a literatura nigeriana ocupa um lugar de destaque na história da literatura em língua inglesa e sua positiva recepção no Brasil só evidencia o que nos une: a capacidade de contar boas histórias!

No desafio de colocar mulheres igbos no centro da narrativa literária e, por meio destas mulheres, descrever um mundo em transformação, Flora Nwapa torna *Efuru* um clássico, um marco na literatura feminina. Se na escrita de Chinua Achebe o mundo igbo se despedaça, em Flora são as mulheres que reúnem cada um desses pedaços para re(existir) nesse outro mundo que se forma, sob as bênçãos de Uhamiri.

Capítulo Um

Eles se viam com bastante frequência e depois de quinze dias de cortejo, ela concordou em se casar com ele. Mas o homem não tinha dinheiro para o dote. Apenas algumas libras para ir pro campo e das quais não podia se desfazer. Quando a mulher viu que ele não podia pagar nada, disse para não se preocupar. Eles iriam se declarar marido e mulher e pronto.

Efuru era seu nome. Uma mulher extraordinária. Não só porque vinha de uma família distinta. Ela se distinguia por si só. Seu marido não era conhecido e as pessoas se perguntavam por que ela se casara com ele.

Foi depois do Festival em que rapazes e moças procuravam esposas e maridos que Efuru conheceu Adizua. Adizua a pediu em casamento e ela aceitou.

Numa noite de luar, eles tiveram um encontro. Falaram de várias coisas, de sua vida e de sua felicidade. Efuru disse que se afogaria no lago se ele não se casasse com ela. Adizua disse que a amava muito e que até a poeira que ela pisava era importante para ele.

— Mas e o dote? — perguntou a mulher.

— Venha pra minha casa no dia de Nkwo¹. Vai estar quieto em todo lugar nesse dia, pois é dia de mercado. Traga algumas roupas e venha até mim. Depois falaremos sobre o dote.

Efuru concordou e foi para casa muito feliz e leve.

— Está tarde, Efuru, de onde você está vindo? — perguntou um de seus primos enquanto ela abria o portão da vila da família.

¹ A cultura igbo se organiza em torno de quatro dias: Eke, Orie, Afo e Nkwo. Como na semana cristã que estabelece cinco dias de “feira”, a cultura igbo tem quatro dias de “mercado”, sendo Nkwo o mais propício a realizar transações comerciais. [N. do T.]

— Você não vê a lua?

— É por isso que você volta para casa tão tarde? Vou contar ao seu pai. Uma jovem como você não deveria sair tão tarde.

— Eu não me importo pra quem você conte.

Na manhã seguinte, o primo foi até o pai de Efuru e lhe disse que a tinha visto chegar muito tarde na noite anterior e que quando perguntou por que ela chegara tão tarde, ela foi rude.

— Meu irmão, me ajude a falar. Estou cansado. Não sei o que há de errado com as jovens de hoje em dia. Percebi que Efuru está chegando tarde em casa há algum tempo. Perguntei com quem ela estava se encontrando e ela não disse nada. Se a mãe estivesse viva, certamente saberia como lidar com a filha.

— Você acha que existe um homem na vida dela?

— Acho que sim, meu irmão. Se o homem quiser se casar com ela, não há nada de errado. Ele deve vir e cumprir os costumes do nosso povo e se casar com ela. Mas, como parece, não acho que o homem em questão queira se casar. É isso é perigoso. E se ela engravidar? Quem vai cuidar dela, agora que sua mãe está morta?

— Vou fazer o meu melhor pra lhe ajudar. Vou investigar.

No quarto dia da semana, o dia Nkwo, quando todos foram ao mercado, Efuru se preparou. Ela tomou seu banho no riacho muito cedo e cuidou muito bem de sua aparência naquela manhã. Seu pai não estava em casa. Ela pegou alguns de seus pertences e foi para a casa de seu amado.

A mãe do jovem havia ido ao mercado; quando voltou, ficou surpresa ao ver as roupas de Efuru e alguns outros pertences no quarto do filho. O jovem foi rápido em explicar. Disse à mãe que Efuru era sua esposa.

— Ainda não tenho dinheiro para o dote. A própria Efuru entende isso. Concordamos em ser marido e mulher e isso é tudo o que importa.

A mãe do jovem estava animada porque o filho realmente fizera uma boa escolha.

— Seja bem-vinda, minha filha. Mas seu pai, o que você vai dizer a ele?

— Deixe comigo, eu mesma resolvo isso.

O pai de Efurú voltou do mercado e não viu a filha.

— Talvez ela tenha ido ao riacho — disse para si mesmo. Mas Efurú não retornou. Quando estava prestes a ir para a cama, ele ouviu uma batida na porta.

— Quem é?

— É um homem. Abra a porta.

— Ah, é você, meu irmão? Você viu Efurú?

— Efurú fugiu com um jovem. É uma vergonha. Nossos inimigos vão se gloriar nisso. Esse jovem não é ninguém. Sua família não é conhecida. Efurú trouxe vergonha para nós. Algo deve ser feito imediatamente para recuperá-la.

— O que vamos fazer, meu irmão?

— Enviaremos nossos jovens para a casa do homem. Efurú será convidada a voltar para casa com eles. É isso.

No dia marcado, os jovens foram buscar de volta a filha que lhes trouxe tanta desgraça. Assim que Efurú viu os homens, ela saiu e os cumprimentou.

— Bem-vindos, meus irmãos. Que bons ventos os trazem aqui hoje? Espero que tudo esteja bem.

— Está tudo bem, nossa filha — disseram os homens. — Viemos realizar um negócio — acrescentou o porta-voz.

— Vamos partir noz-de-cola antes do negócio. É uma pena que meu marido não esteja em casa. Ele foi para o campo.

Efurú trouxe duas grandes nozes-de-cola dignas de reis e as colocou diante dos homens, com um pouco de pimenta da costa. O porta-voz pegou uma noz-de-cola e a abençoou. Então, a partiu e deu aos homens.

Enquanto isso, Efurú trouxe uma garrafa de um gin caseiro muito bom, que estava em uma lata de querosene há quase seis meses.

— Tenho certeza de que vocês vão gostar deste gin. Nwabuzo mandou enterrá-lo no ano passado, quando havia rumores de que policiais tinham sido enviados para revistar sua casa. Quando os policiais foram embora, não encontrando nada, Nwabuzo ainda estava com medo e deixou o gin enterrado. Uma semana depois, ela adoeceu e foi levada às pressas para o hospital, onde permaneceu por seis meses. Ela voltou há apenas uma semana. Então o gin é muito bom.

Os homens gostaram muito da bebida. Eles terminaram a garrafa e alguns deles até ficaram embriagados.

— Nós já vamos, nossa filha — disse o porta-voz. — Você parece feliz aqui e nos perguntamos por que seu pai quer que a levemos de volta. Vamos contar a ele o que vimos. Mas seu marido deve cumprir os costumes de nosso povo. É muito importante. Nossos inimigos vão rir de nós. Diga ao seu marido que ele precisa ir ver seu pai. Que ele não tenha medo.

Efurú ajoelhou-se e agradeceu aos homens.

— Diga a meu pai que serei a última pessoa a envergonhá-lo. Desde que minha mãe morreu há cinco anos, tenho sido uma boa filha. Meu marido não é rico. Na verdade ele é pobre. Mas o dote deve ser pago e eu garanto que será feito.

Os homens agradeceram e foram embora. O pai de Efurú não ficou satisfeito com o que os homens lhe disseram e enviou outro grupo de jovens de sua aldeia, mas sem nenhum resultado. Então ele deu sua filha como perdida.

Efurú se recusou a ir para o campo com o marido.

— Se você quiser ir trabalhar no campo, vá — disse ela ao marido. — Eu não fui feita para o trabalho agrícola. Fui feita para o comércio.

Naquele ano, o homem foi para o campo enquanto sua esposa permaneceu na cidade.

A fazenda ficava longe da cidade. Era preciso remar por dez horas antes de chegar lá. Na fazenda, a vida era muito dura e havia muitos mosquitos. À noite, os camponeses iam ao mato recolher folhas para espantar os mosquitos. O marido de Efuru ia com eles. Quando voltavam, espalhavam as folhas em volta de suas camas de bambu. Às vezes, quando não havia muitos mosquitos, conseguiam dormir. Mas durante a estação chuvosa, os mosquitos vinham às centenas. Eles não apenas mordiam, mas zuniam nos ouvidos dos homens, provocando-os e testando sua paciência.

Era penoso para o jovem marido, seu trabalho no campo agora que estava casado. Não importava antes, mas agora era diferente. Ele tinha uma esposa adorável; por isso, a menor desculpa o mandava de volta para ela. Efuru dava-lhe as boas-vindas.

— Como você está? — ela perguntava. — Como está tudo na fazenda? O que você trouxe para mim?

— Eu trouxe legumes e peixes. Pegamos muitos há uma semana. Eu os sequei para você. Aqui está.

Ele tirou os peixes de sua bolsa. Eles estavam bem secos em varas.

— Obrigada, meu marido. Agora vá tomar seu banho enquanto preparo um pouco de comida para você comer.

O marido foi tomar banho no riacho, e Efuru foi cozinhar. Ela usou bastante peixe e preparou uma deliciosa sopa *nsala* para seu querido marido. Quando o marido voltou do riacho, ela o recebeu e colocou a comida diante dele. Quando ele terminou, Efuru perguntou se ele sairia para encontrar seus amigos.

— Não, hoje não. Vou outra hora. Estou cansado e preciso dormir cedo. — O marido de Efurú ficou dois dias na cidade antes de voltar para o campo. Um dia, a sogra de Efurú falou com ela.

— Minha filha — ela disse. — Você não passou por seu banho.

— Não, minha mãe. Eu não passei por meu banho.

— Uma jovem deve passar pelo banho antes de ter um bebê.

— Ainda não estou grávida, mãe.

— Eu sei, minha filha. Não estou falando sobre isso. Um bebê virá quando Deus quiser. Eu quero que você passe por seu banho antes que venha um bebê. É melhor assim. É realmente mais seguro.

— Tudo bem, mãe. Mas meu marido deve ser informado e ele virá da fazenda antes que seja feito.

— Certamente, minha filha. Vou mandar chamá-lo.

Então, no dia seguinte, o marido de Efurú foi chamado. Ele estava muito feliz em voltar para casa. Ele estava como um sapo que queria subir o rio e não vendo meios, foi levado por uma maré que fluiu rapidamente. Em sua excitação, esqueceu de contar a qualquer uma das pessoas no campo e, quando foi embora, os outros fazendeiros fofocaram.

— Por que Adizua vai à cidade com tanta frequência? — um dos fazendeiros perguntou.

— Você não sabia que ele se casou com uma mulher muito bonita? Como a mulher concordou em se casar com ele, ainda permanece um mistério para todos.

— Como? A mulher é de boa família?

— A filha de Nwashike Ogene, o poderoso homem de valor. Ogene que, sozinho, lutou contra os Aros quando eles vieram nos molestar. O próprio Nwashike provou ser filho de seu pai. Ele era um grande pescador. Quando foi pescar, pegou apenas *asa e aja*. Seus inhames eram os mais gordos de toda a cidade.

E mais, como o grande lagarto, nenhum homem jamais viu suas costas no chão. *Ogworu azu ngwere era ani.*

— Então esse é o homem cuja filha aquele imbecil se casou?

— Sim. O incrível é que o pai não fez nada a respeito. Ele enviou alguns jovens para buscar a filha, mas ela não foi com eles. E desde então, ele não fez nada. Se fosse em sua juventude, Nwashike teria ensinado uma lição àquele tolo. Hoje em dia as coisas estão mudando rapidamente. Esses brancos impuseram tanta opressão ao nosso povo. A menor coisa que se faz hoje em dia, você é preso.

— Não invejo Adizua — disse o outro homem, mas era óbvio que ele estava morrendo de inveja.

— Só dou três anos. A essa altura, a mulher vai saber muito bem o marido que tem para querer ficar mais tempo com ele. Por que ela permanece na cidade e não vem trabalhar no campo com o marido?

— Ela se recusou a vir para a fazenda. Em vez disso, ela trabalha no comércio. Disse que não foi feita para o trabalho agrícola. E eu não a culpo. Ela é tão bonita que se diria que é filha da Mulher do Lago. A mãe dela, que também era muito bonita, morreu há cinco anos.

— Depois de ver esse tipo de mulher — continuou o outro homem —, você respira fundo quando vê a própria esposa — o outro riu.

— Você também tem uma esposa linda.

— Sim, eu sei, mas... vamos deixar isso pra lá.

O marido de Efurú voltou para casa e foi informado sobre a circuncisão de sua esposa.

— Isso deve ser feito agora, meu filho — sua mãe disse. — Esta é a melhor hora. Não vamos esperar até que ela engravide — Adizua disse que estava tudo bem. Ele podia arcar com as despesas, mas tinha medo do pai de Efurú.

— Seu pai deve ser informado, minha esposa. Não será justo que você passe por seu banho sem o conhecimento dele. Ele precisa ser informado.

— Eu não vou dizer a ele. Isso vai deixar ele ainda mais irritado. Quando tivermos dinheiro suficiente para pagar o dote, abordaremos homens idosos que vão nos ajudar a implorar a ele.

Assim, foi como Efurú disse. A sogra dela preparou tudo. O pó de *osun*, *uziziani*, *ufie*, e *noz awusa*² foram comprados no dia *Nkwo*. Ela foi até *Onicha* e comprou panos caseiros para a nora. Quando voltou, foi ver a mulher que faria a circuncisão.

— É você, minha amiga? — a mulher perguntou de dentro.

— Sim, *Ugwunwa* — ela a cumprimentou.

— Oh, e qual é o seu nome? Eu esqueci.

— *Omeifeaku*.

— *Omeifeaku*. E como estão todos em sua casa?

— Estão todos bem, e os seus?

— Estamos bem. É apenas a fome que nos incomoda.

— Que bom que é só fome. É melhor do que ter problemas de saúde.

— É como dizem, a doença é pior.

Ela saiu da sala com uma esteira.

— Sente-se aqui, minha amiga.

As duas mulheres idosas conversaram um pouco sobre assuntos triviais.

— Eu não tenho *noz-de-cola*. Sinto muito!

— Não se preocupe com *noz-de-cola*. É muito cedo. E, além disso, é manhã do dia *Nkwo*. Ninguém dá *noz-de-cola* para as pessoas na manhã de *Nkwo*. Tenho algo importante para lhe dizer. Você sabe que meu filho se casou. A esposa dele ainda

² Preparados da medicina e estética tradicional igbo. Geralmente preparados a partir de madeira, folhas, sementes. [N. do T.]

não passou por seu banho, então queremos que ela passe e é por isso que eu vim. Que dia está bom para você?

— Fico feliz em ouvir isso. Sua nora está grávida?

— Acho que não. Ela me disse que não estava.

— Certifique-se com ela novamente. Eu não quero fazer se ela estiver grávida. É arriscado. Se ela perder muito sangue, não será bom. Então veja com ela novamente e traga a notícia amanhã. Oh, que pena que eu não tenho noz-de-cola. Espere, deixe-me ver — ela foi para o quarto novamente e saiu com uma garrafa de gin caseiro e um ganashi.

— Você vai gostar do gin. Minha filha que prepara na fazenda. Quando termina, ela coloca numa canoa na calada da noite e rema até a cidade. Quando chegamos, escondo tudo nos fundos da minha casa e nenhum policial encontra.

Ela encheu o ganashi e deu à visitante. A sogra de Efurú bebeu de um gole só e fez um barulho com a boca. A mulher encheu o mesmo ganashi e bebeu o gin em um gole também.

— Esse gin é do bom. Vamos continuar preparando nosso gin. Não vejo diferença entre ele e o vendido em garrafas especiais nas lojas.

A sogra de Efurú se levantou para ir embora.

— Muito obrigada. Já vou indo.

— Você já vai? Obrigada. Venha amanhã. Vá em paz.

A sogra de Efurú estava na casa da mulher no dia seguinte. Ela lhe disse que sua nora não estava grávida.

— Tudo bem, então. Irei amanhã de manhã depois do cantar do galo. Prepare água quente.

Na manhã seguinte, a mulher estava na casa de Efurú. Ela se sentou. Efurú saiu e a cumprimentou.

— Você é a jovem esposa? Você é linda, minha filha. Eu vou ser gentil com você. Não tenha medo. É doloroso, sem dúvida,

mas a dor desaparece como a fome. Sabe — e se virou para a sogra de Efurú —, você conhece a filha de Nwakaego?

— Sim, conheço.

— Ela não passou pelo banho antes de ter aquele bebê que morreu depois daquela terrível enchente.

— Deus me livre. Por quê?

— Medo. Ela estava com medo. Menina tola. Ela tem uma mãe tola. A loucura dela custou um filho, um bom filho.

— Como você soube?

— Elas vieram até mim uma manhã cedo e me contaram. Queriam que fosse feito na minha casa, que as pessoas não soubessem. O dibia já tinha dito que o bebê morreu porque ela não tomou o banho. E eu fiz isso por elas. Ela ficou na minha casa por sete dias. Já está tudo pronto?

— Sim. Venha por aqui.

A mulher foi para os fundos da casa e lá tudo foi feito. Efurú gritou e gritou. Foi tão doloroso. A sogra a consolou. — Logo vai acabar, minha filha, não chore.

Enquanto isso, o marido de Efurú estava em seu quarto. Ele sentiu toda a dor. Parecia que era ele quem estava sendo circuncidado. Os vizinhos se perguntavam o que estava acontecendo. Quando chegaram à casa, viram que a porta dos fundos estava trancada e voltaram.

— Está acontecendo agora — disse uma das vizinhas para a outra.

— Ah, sim, é isso. Eu vi a mulher quando ela chegou. Efurú está recebendo seu banho. Pobre garota, é tão doloroso.

Efurú estava deitada de costas com os pés separados. Não estava mais chorando. Mas ainda doía muito.

A mulher deu instruções. Ela preparou uma coisa preta, a colocou em uma pequena cabaça e a deixou do lado de fora do quarto onde Efurú estava deitada.

— Salpique isso nos pés de todos os visitantes antes que entrem no quarto. Você vai ter uma infecção se não fizer isso. Faça compressas de água quente todas as manhãs e noites. Se algo der errado, mande me chamar. Oh, onde está minha navalha?

A sogra de Efuru deu-lhe a navalha afiada que fez o trabalho. Ela a embrulhou e a amarrou em uma das pontas do seu *wrapppa*³. Na manhã seguinte, Ajanupu, a irmã da sogra de Efuru, veio à casa. Depois de comer cola, ela limpou a garganta.

— Ossai, o que você fez? Por que não me disseram que a esposa de Adizua ia receber seu banho? Por que sou tratada hoje em dia como se fosse uma estranha e não sua irmã? Adizua se casou com uma mulher e você não me contou. Eu ouvi dos de fora. Mais uma vez, a esposa de Adizua recebeu seu banho e você também não me contou. O que eu fiz pra você?

— Por favor, minha irmã, você não fez nada de errado. Você não me ofendeu de forma alguma. A culpa é minha. Sinto muito!

— Tudo bem. Estou feliz por ter lhe contado. Não quero guardar rancor de você. Como está Efuru?

— Ela está no quarto: entre.

Ela viu a coisa preta. Havia uma pena. Ela pegou a pena, mergulhou-a no material preto e o espalhou em seus pés.

— Como você está, minha filha?

— Estou bem. Oh, você veio nos ver hoje.

— Ninguém me disse. Ouvi dos de fora e vim. Está doendo muito?

— Está muito melhor agora. Foi terrível no primeiro dia.

— Gbonu, minha filha. Toda mulher passa por isso. Não se preocupe.

A sogra de Efuru fez de tudo para que ela fosse muito bem cuidada. Ela devia comer a melhor comida e não devia traba-

3 Nome dado a tecidos utilizados nas culturas nigerianas para fins de vestimenta. [N. do T.]

lhar. Sua única tarefa era simplesmente comer e engordar e, acima de tudo, ela deveria estar linda.

O *osun* foi usado para tingir seu pano. Ela também o esfregou por todo o corpo e o *uziziani* foi usado para o rosto.

Ela comia o que queria. Não comia mandioca de forma alguma. Apenas os inhames eram amassados para ela. Ela comia o melhor peixe do mercado. Dizia-se que ela estava em festa. Nos dias de mercado, sua sogra ia comprar o melhor para ela. Quando a sogra gostava de algo no mercado, outros compradores davam seu jeito e perguntavam como estava indo a mulher em festa. Ela também esfregou um pouco de pó de *osun* em suas mãos e pés para dizer às pessoas que sua filha havia sido circuncidada.

Quando a sogra de Efuru estava comprando coisas no mercado um dia, ela ouviu alguém chamando:

— Mãe de uma mulher em festa, mãe da mulher em festa!

Ela se virou e viu sua irmã, Ajanupu.

— Como ela está agora?

— Ela está bem, minha irmã.

— Já sarou?

— Sim, está sarado. Ela tem um corpo forte.

— Isso é muito bom. A mulher que fez a operação também tem boas mãos. Ela nunca teve problemas com nenhum dos casos. Ao contrário de Mgbokworo.

— Mgbokworo não é boa. Ela realmente não aprendeu a fazer a operação.

— O que você está comprando para sua nora? Deixe eu ver sua bacia. Você comprou tanto. A propósito, ela é uma boa nora?

— Não existem duas como ela. É uma garota muito boa e eu gosto muito dela. Estou feliz que meu filho se casou com ela.

— Que bom ouvir isso. Ouvi algo sobre o dote. Me fale tudo sobre esse assunto.

— Bem, meu filho não pode pagar o dote agora. Esperamos que depois da colheita consigamos.

— Deve ser feito, minha irmã. Leve este peixe para sua filha e também os amendoins. Diga a ela que irei vê-la no primeiro dia da semana, Eke. Estou indo para casa agora. Meu filho não está bem.

— Nnoro?

— Sim, Nnoro. Não sei o que ele quer que eu faça, aquele garoto. Não há díbia que eu não tenha ido. Ele teve uma convulsão ontem.

— Convulsão? Como isso aconteceu?

— Tive sorte que aconteceu na minha presença, se não ele teria morrido. Um dia ele se sentiu mal, e eu dei uns comprimidos. Quando eu estava prestes a ir para a aldeia de Abatu para cobrar uma dívida, ouvi um grito, larguei o que tinha e corri para o quarto ao lado. Era Nnoro. Ele estava tendo uma convulsão. Peguei-o, peguei uma colher e coloquei entre seus dentes. Então peguei óleo de sementes e esvaziei todo o conteúdo em seu corpo, cabeça e rosto. Esfreguei e esfreguei. Coloquei um pouco em seus olhos e fiz ele beber também. Depois misturei um pouco com creme mentholatum e coloquei no ânus dele também, direto no ânus. Aí ele expeliu algo na minha mão e ficou muito melhor depois. Depois dei um purgante e hoje ele estava brincando com as crianças do lado de fora antes de eu sair pro mercado.

— Sinto muito, minha irmã. Por favor, cuide bem dele, porque se uma velha cai duas vezes, conta-se tudo o que tem na cesta dela.

— Mãe de uma mulher em festa, venha comprar coisas para sua filha!

A sogra de Efurú foi na direção da voz e comprou algumas laranjas e bananas da mulher que a chamou.

— Espero que ela esteja bem — a mulher desejou.

— Ah, ela está indo muito bem. Obrigada.

O marido de Efurú ainda estava em casa. Ainda não tinha voltado para a fazenda. Ele também estava sendo bem cuidado por sua mãe. Quando ele brincava com sua esposa, ela esfregava pó de *osun* em sua camiseta e ele saía sem trocá-la. Quando seus amigos o viram, souberam imediatamente que sua esposa havia sido circuncidada e zombaram dele.

Efurú ficava mais bonita a cada dia. O pó de *osun* deixou seu corpo suave ainda mais suave. Ela ficou muito carnuda e atraente aos olhos. Agora que o ferimento estava curado, ela saía com outras mulheres circuncidadas como ela.

Quando saíam, amarravam um *wrappa* tingido de vermelho-*osun* da cintura para baixo. Também usavam outro tecido igualmente tingido de *osun* cobrindo os seios. Elas também usavam objetos sonoros, como guizos, que as pessoas utilizam como instrumentos musicais e chamam de *nchakirikpo*. Elas eram objetos de atração; homens, mulheres e crianças paravam para observá-las e admirá-las.

Quando as pessoas vinham ver Efurú, e muitas vinham, sua sogra lhes dava noz-de-cola, amendoim e muitas outras coisas para comer.

Efurú festejou por um mês. Sua sogra queria que ela continuasse festejando por dois meses, mas ela se recusou, dizendo que a vida era muito monótona. Ela queria estar ativa.

— Já que você não vai continuar festejando, vamos conversar sobre ir ao mercado — disse-lhe a sogra um dia. — Mas se eu fosse você, Efurú, continuaria por mais um mês. Quando fiz o meu, festejei por três meses. Sei que não posso fazer por você tudo o que minha mãe fez por mim, mas vou tentar.

— Não, mãe. Um mês de confinamento é o suficiente. Não temos muito dinheiro e quero voltar a trabalhar. Mais uma vez, ainda não pagamos o dote. Eu vou ao mercado no dia Nkwo.

— Você está certa, minha filha. Eu só estava pensando no que as pessoas vão dizer.

— Não se importe com o que as pessoas vão dizer.

Então, no dia Nkwo, Efuru vestiu-se maravilhosamente. Ela trançou muito bem seu lindo cabelo, amarrou veludo na cintura e usou pedras no pescoço. Seu corpo estava nu mostrando seus lindos seios. Nenhum vestido era usado quando uma jovem ia ao mercado após seu período de festa. Seu corpo era exposto para que as pessoas vissem como sua mãe ou sua sogra cuidou bem dela. Uma mulher que não fosse bonita naquele dia, nunca seria bonita na vida. Enquanto Efuru se vestia, uma garotinha de cerca de oito anos estava vestida de maneira semelhante. Justo quando o sol estava se pondo, Efuru levou a garota ao mercado. Algumas mulheres as seguiram desde a casa.

Efuru e a garota deram a volta no mercado e foram recebidas pelo povo. Quando estavam chegando, algumas mulheres perguntaram: — De quem é essa filha?

— Você não a conhece? Ela é filha de Nwashike Ogene.

— Ela é muito bonita. Nunca vi uma mulher tão bonita. Quem é o marido dela?

— O marido dela é Adizua.

— Quem é Adizua? Quem é o pai dele? Ele é conhecido?

— Ele não é conhecido. E ninguém sabe por que ela se casou com ele. Além disso, nem um búzio foi pago pela cabeça dela.

— O que você está me dizendo?

— É verdade. O marido nem mesmo foi com seu povo a Nwashike Ogene.

— E o que o pai fez?

— Nada até agora. O que ele vai fazer agora que está ficando velho? Se fosse como na época de sua juventude, sua filha não ousaria insultá-lo dessa maneira.

Enquanto as duas mulheres conversavam, Efuru se aproximou.

— Espere, minha filha. Pra você — uma das mulheres lhe deu dinheiro. — Você está muito linda, minha filha, pegue — a outra mulher também lhe deu dinheiro. Efuru agradeceu e seguiu adiante. Depois de dar a volta ao mercado, ela voltou para casa sem comprar nada.

Ao chegar em casa, ela e a menininha trocaram de roupa e voltaram, desta vez para comprar pequenas coisas como frutas, amendoim, nozes-de-cola e assim por diante.

— Agora sim, este é um tecido melhor, o primeiro era bem antigo. Este está bem melhor — disse uma mulher. Efuru ouviu isso e riu para si mesma. Ela continuou com suas compras. Desta vez sua sogra também estava no mercado e recebeu muitos cumprimentos.

— Muito bem, Ossai. Você cuidou dela muito bem. O pano dela é lindo, mas o primeiro é melhor. Ela deveria estar usando o primeiro agora.

Efuru ouviu isso também e sorriu para si mesma.

— Não se pode agradar a todo mundo — disse de si para si. Ela sabia que os dois panos eram muito bonitos e, além disso, combinavam com a ocasião. Eram as roupas que sua mãe deixara para ela. Ela as comprara há muitos anos e sempre que havia uma festa ou o segundo enterro de um parente, os panos serviam muito bem. Ela sabia que comprar alguns panos no mercado para a ocasião não serviria. Quanto mais velho o tecido, melhor. Mostrava que antigamente sua mãe podia comprar esses panos e assim seu prestígio aumentava, porque sua família não estava entre os recém-ricos, a riqueza estava nela há anos.

Efuru voltou para casa muito cansada naquela noite. Muitas pessoas foram à sua casa para parabenizá-la e cumprimentar sua sogra.

— Tudo correu bem — disseram-lhes.

— Sua filha tem uma cara ótima — falaram-lhe, querendo dizer que ela era popular.

— Ela tem a cara das pessoas — falaram outros, querendo dizer a mesma coisa.

— É um bom sinal — concordaram.

Mas em seu íntimo, algo pesava em Efuru.